

III

O Cristão no mundo de hoje

O cristão no mundo de hoje ⁽¹⁾

No Princípio, para além de todos os começos, antes do encadear dos fenómenos pelo vínculo da causalidade, *era* a imutável Inteligência, donde toda a Inteligibilidade dimanaria.

O Mistério não se abriu como um teorema: revelou-se como um Ser. O Verbo não era um princípio abstracto: estava em Deus. E, no seio de Deus, era Deus Ele próprio.

Desde todo o sempre, na permanência do Ser sem mistura de não-ser, o Logos era Inteligência, sede das ideias, e Pessoa, sede e fonte de valores ⁽²⁾. Essa fonte ia correr abundantemente...

(1) Tomei por base, em lugar de um esquema lógico-desenrolado, um texto que a Liturgia diariamente propõe aos fiéis: texto que encerra a essência do Cristianismo, a relação deste com o Homem de sempre e o sentido dramático do Tempo; texto que nos aponta, em palavras incisivas, o dever que nesta hora temos como cristãos. Refiro-me ao Prólogo do Quarto Evangelho.

(2) Cfr. Miranda Barbosa — *A Organização Hierárquica da Sociedade Cristã*.

Nunca nenhum homem compreenderá o tremendo mistério do acto criador. O Mistério não é um teorema: é uma realidade. «Todas as coisas foram criadas por Ele» — assim nos fala o Autor inspirado, como quem conta um caso que se passou. E efectivamente há aqui a passagem brusca das realidades substanciais: «No princípio era o Verbo» — para as realidades accidentais; do Necessário — para o Contingente; do Absoluto — para o Relativo; da Eternidade — para a História: «Nada daquilo que foi criado foi criado sem Ele». Esta é a história maravilhosa que nos conta S. JOÃO, depois do *Génesis*. Aí começa a nossa história. O mistério das origens é de si mesmo incompreensível ao homem, por isso que é das *origens*. O começo absoluto transcende todas as concepções científicas. E, no entanto, só por ele se explicam todas as concepções científicas. Aqui encontramos o germen de todas as coisas. Aqui descobrimos o laço causal que une o Criador à criatura. Lembrando que o profundo sentido de *Poesia* é *Criação*, digamos que este é o Poema das Origens.

Para saber donde vem o Cristianismo, temos de ler o princípio do 4.º Evangelho. S. João, propondo-se contar a vida de Jesus, viu, divinamente inspirado, que devia começar pelo Verbo, que existia antes de todas as coisas. A História do Cristianismo é uma história que começa com o acto criador. Daí todo o seu carácter transcendente e todo o seu carácter imamente. O Cristianismo é a história de Cristo. Mas Cristo é Deus e Homem; é uma Pessoa em que duas naturezas se associam: a divina e a humana. À primeira, chamamos nós sobre-natureza, num critério, é bem de ver, puramente

humano, pois guardamos o nome de natureza para aquela só com que nascemos.

Transcendência do Cristianismo: ele é alguma coisa de estranho em relação ao Homem; uma espécie de invasão e de conquista; uma Palavra que súbitamente rompe o silêncio; uma espada que rasga a carne bem tratada; um vento impetuoso que varre a face da Terra: um convite subtilmente e instantaneamente murmurado para um Banquete invisível; um Modelo de perfeição que habita numa luz inacessível; um fermento que entra dentro de nós e se propõe assimilar-nos, transformando-nos.

Imanência do Cristianismo: Nada mais natural ao homem do que ele! Todo o homem nasce religioso. As mais variadas religiões o têm acompanhado, e são tantos os cultos e tantos os deuses quanto é grande a fantasia humana e forte a sugestão da Natureza. O Paganismo decadente dizia aos homens: «Adorai este homem! — é o Imperador». Só o Cristianismo lhe diz: «Adorai este Homem! — é Deus». O Paganismo punha acima do *divino* Imperador os deuses celestes, e acima destes o Destino. Só o Cristianismo nada sobrepõe ao Homem-Deus.

«Todo o homem — segundo a palavra de Aristóteles — deseja naturalmente saber». O Cristianismo vem ao encontro deste desejo, desvendando o Desconhecido, fazendo do mistério — o Dogma.

Um cristão do nosso tempo, Jacques Rivière, pôs em singular relevo este papel gnoseológico do Cristianismo, em páginas de admirável profundidade, das quais saliento uma passagem: «...o mistério

aparecerá como uma *localização do inexplicável*, espalhado e latente nas coisas. Mas, em vez de ser uma localização no princípio, como fazem a Ciência e a Filosofia, é uma localização no próprio seio das coisas, nos próprios sítios onde se encontram os pontos obscuros; é a determinação, tão exacta e literal quanto possível, da sua posição. Nada de redução, de escamoteamento por substituição, de deslocamento e de remeter à origem, como a Matemática ensina às outras ciências a fazer. Mas uma condensação que permite simplesmente ver claro ali. O desconhecido fixado: para evitar que ele espalhe o seu carácter vago sobre todo o resto, para que se saiba onde é que está *a coisa que não se pode saber como as outras*, e para que assim, em vez de lhe ficar a dever sòmente incerteza, dele provenha o poder explicativo» (1).

Dá, por outro lado, o Cristianismo, ao conjunto de todas as verdades, um sentido humano, um valor vital, que o mesmo pensador francês expressava nestas sugestivas palavras: «Logo que se consideram em relação e coesão com todo o resto, quer dizer: desde que se mergulham de novo na experiência, eles actuam como um fermento que faz levedar toda a massa. Dão vida a tudo o que nos parecia classificado e finito» (2). E todo esse fermento, que dá vida ao que parecia inerte, e transforma e constrói e parece querer fundar um Reino novo, torna-se bem nosso, bem próximo dos corações dos homens, quando ouvimos a palavra do Senhor: «O Reino de Deus está dentro de vós».

(1) *A la Trace de Dieu*, pág. 42.

(2) *Ibid.* pág. 43.

Imanente quanto ao Homem, o Cristianismo é, pois, uma realidade terrena.

Mas que nada nos faça reduzir à imanência o carácter do Cristianismo. Se é realidade terrena, é porque é realidade entregue aos homens, *revelada*. Sem a Revelação é impossível compreender o Cristianismo. — «A luz resplandeceu nas trevas». — Há aqui um transpor de abismos insondáveis. Uma descida do Céu à Terra. Homens despertados por um som desconhecido começaram a ouvir vozes celestiais. O fenómeno repetiu-se inúmeras vezes no decorrer de quarenta séculos. Os homens iam registando e transmitindo. Pareciam coisas dispersas... Mas o Céu continuava a falar. Pouco a pouco, aproximando-se umas das outras, as palavras iam formando conjuntos definidos. Era (paraphraseando Chesterton) uma espécie de romance da Eternidade, ou, talvez melhor, um Drama em muitos quadros, compreendendo, com o mesmo à-vontade, cenas do Passado, do Presente e do Futuro. E o ponto central que se foi destacando como um núcleo, ou como um fruto que pouco a pouco se vai avolumando, era como uma *promessa de casamento*. Do fundo das eras longuínguas, quebrando todas as resistências, rompendo a condensação das trevas, dissolvendo a camada dos preconceitos e dos vícios, uma estranha promessa era segredada a almas de eleição, e delas ecoava, a ponto de um povo inteiro concentrar nela toda a sua razão de ser, todo o sentido da sua História. Havia a promessa formal duma Aliança perfeita: um dia, tudo quanto fora revelado acerca do Passado, do Presente e do Futuro, tudo se condensaria numa realidade viva e actuante, num ser sensível

ão coração e aos olhos dos homens: toda a Revelação se concretizaria *num Homem*. Essa era a estranha promessa que o Povo Escolhido foi ouvindo e guardando: a natureza divina e a natureza humana unir-se-iam em consórcio admirável. E o *Cântico dos Cânticos* pressente, emocionado, a maravilhosa realidade.

Por isso, o Cristianismo é transcendente e imamente: é a entrega de Deus à Humanidade. E o *salto brusco*, o facto irreversível, o acontecimento que para sempre exclue a hipótese cíclica do Eterno Retorno, é a Revelação, facto central da História, que a ela vai buscar o seu verdadeiro sentido. Se o Tempo é, por si mesmo, a medida do relativo, a marca do imperfeito, a Revelação o sagrou. Deus escolheu um momento, para que, como *Luz, resplandecesse nas trevas*. Deus entrou na História. Pode-se, desde então, falar de valores cronológicos.

Começou o extraordinário drama da Redenção do Homem, que decaíra da primitiva dignidade, como a Escritura ensina e todas as velhas tradições da Humanidade referem ou postulam. Muito se tem negado nos tempos modernos o grande dogma cristão que, para Pascal, encerrava, juntamente com a existência de Deus, todo o Cristianismo. ⁽¹⁾ Hoje, por loucos desvios, novamente é aceite a realidade. O Comunismo, por exemplo, assenta numa concepção *pessimista* do estado actual do homem, como *lucidamente* expõe Berdiaeff: «...ele contém no seu fundamento a ideia do pecado original. Um pe-

⁽¹⁾ *De Deus e do Homem*, texto ed.º pelo P.º Diniz da Luz na Livr. Bertrand; págs. 192-3.

cado original que alastra sobre a História Universal, sobre todas as classes da sociedade, que contamina todas as crenças e todas as ideologias humanas» ⁽¹⁾.

O Homem precisava de redenção. Passados tantos séculos de Cristianismo, o Homem precisa ainda de redenção. O Verbo podia ter-se dirigido ao homem-multidão, à Sociedade, alargando a todos os povos, como tais, o conceito de Povo Escolhido. Mas onde está uma das grandes características do Cristianismo é precisamente no facto de isso não se ter dado: o Verbo dirigiu-se a cada um, ao homem-pessoa. Ora a pessoa define-se, exactamente, por ter em suas mãos a chave do seu destino.

Por mais que filósofos e cientistas digam ao homem, em todos os tons — e, no nosso tempo, com singular teimosia —, que não é livre, ele, mesmo aceitando o esquema mental para cómodo repouso, vive como livre e é como livre que aceita o determinismo.

Foi a um ser capaz de dizer que *sim* e de dizer que *não*, a um ser que tem de comum com Deus (como ensina São Boaventura) a liberdade de escolha, que o Verbo Redentor se dirigiu. Não foi pedir ao Imperador de Roma que declarasse passar o seu Império a ser cristão: veio pedir a cada um dos súbditos do Imperador de Roma, aqueles que de rastos o serviam e de joelhos o adoravam, que aceitasse o testemunho do Seu Sangue e bebesse esse Sangue em sinal de Novo e Eterno Testamento.

⁽¹⁾ Nicolau Berdiaeff, *Problème du Communisme*, pág. 24.

Desde então, as almas foram ouvindo, ou no esplendor dos palácios, ou na magestade dos templos, ou na miséria dos ergástulos, ou na degradação dos prostibulos, o mesmo apelo divino. E o drama da Redenção é sempre idêntico, no essencial: Deus a pedir, o homem a aceitar ou a negar. O drama da Redenção é um drama pessoal; passa-se entre personagens; não entre símbolos; não entre potências.

Mas eis que o drama se complica: perscrutando a realidade, não nos encontramos, afinal, com uma cena sempre por igual repetida: o Verbo, como Palavra de Deus, e cada alma isolada. É isto o essencial, o indispensável. Mas há, em regra, homens que intervêm. Logo o Evangelista nos conta: «Houve um homem que foi mandado por Deus, cujo nome era João, o qual veio como testemunha, para dar testemunho da Luz, afim de que, por ele, todos acreditassem.» Foi aquele que a si mesmo se definiu como uma voz, tanto a consciência da sua missão o penetrava. E a voz era esta: «Preparai os caminhos do Senhor.» (1)

Aqui nos surge a ideia — ou melhor: o facto — de uma propedêutica ao Cristianismo. O *facto* é este: houve um homem encarregado de preparar a visita do Senhor a outros homens. Seria este um caso accidental? Ou manifestaria uma lei? E esta seria de tipo estatístico, ou de tipo normativo? Por outras palavras: a propedêutica ao Cristianismo será necessária? E em que sentido se deve fazer?

(1) S. Marcos, I, 3; S. Lucas, III, 4.

O problema não é dos puramente especulativos: tem interesse prático, e actual. Um dos seus aspectos é o seguinte: Milhões de homens, dispersos pelo mundo, não contando já com a crise trazida pela guerra, vivem em nível económico inferior ao que a dignidade humana exige. Segundo as palavras claras de Pio XI: «Bem se pode dizer que tais são hoje as condições da vida social e económica, que se torna muito difícil a uma grande multidão de homens ganhar o único necessário que é a salvação eterna». (1) De acordo com aquilo de S. Tomaz que Leão XIII recorda: *o uso dos bens exteriores é reclamado para exercício da virtude.* (2)

Pergunta-se: o Pão deve ir à frente do Evangelho? ou o Evangelho antes do Pão? «Prègar Moral a estômagos vazios» será de todo inoperante? Tanto vale perguntar se, na ordem cronológica, e para a classe proletária, o primado pertence ao económico, ou ao espiritual.

Foi no *proletariado* do Império romano que o Cristianismo encontrou melhor aceitação. E para isso não foi preciso que os Apóstolos propagassem o espírito de revolta entre os escravos. Pelo contrário: «Servos! sede submissos aos vossos senhores!» (3) Mas é certo que, por outro lado, desde logo a Igreja nascente se preocupou com melhorar a situação económica dos pobres, encarregando os diáconos de ministrar-lhes as esmolas recolhidas por toda a parte. Tão elevada era esta função, que, nos

(1) *Quadragesimo Anno*, in *A Igreja e a Questão Social* (U. Gráfica), pág. 127 da 2.ª ed.

(2) Cf. *Rerum Novarum*, ib., pág. 59 id.

(3) S. Paulo, *Aos Efésios*, VI, 5.

primeiros séculos, os Bispos de Roma saíam, em geral, da ordem dos diáconos. (1).

No nosso tempo, florescem na Cristandade as admiráveis Conferências de S. Vicente de Paulo, que levam a esmola, não para resolver o problema económico das famílias visitadas, mas como pobre sinal sensível de uma Caridade toda bebida em Deus. A esmola é um símbolo; litúrgicamente, diríamos: é um «sacramental».

E as encíclicas sociais constantemente insistem na necessidade de resolver o Problema Económico com espírito de Caridade e palavras de Fé e Esperança.

Ou seja: não parece que se deva falar de primasia de um desses problemas sobre o outro, na ordem cronológica da acção. O bem está na simultaneidade.

Seja como for, é este apenas um caso particular da colaboração do homem com o Redentor. E essa colaboração foi manifestamente exigida por Cristo, em todas aquelas palavras, tão claras, tão definidas, que, espalhadas embora pelo Evangelho, constituem o diploma da fundação da Igreja: «Ide e ensinai todas as gentes»; «Apascenta os Meus cordeiros»; «Aqueles a quem perdoardes os pecados serão perdoados»; «Fazei isto em memória de Mim.» (2).

(1) Cf., p. ex., Fliche-Martin, *Histoire Générale de l'Église*, t. 2.º, pág. 417 e t. 3.º, pág. 235.

(2) S. Mateus, XXVIII, 19; S. Marcos, XVI, 15; cf. S. Lucas, XXIV, 47 e 48, e S. João, XX, 21; S. João, XXI, 15 e 16; S. João, XX, 23; S. Lucas, XXII, 19.

O Homem foi pois associado à Redenção. Eis como o Drama se multiplica, movimentando, numa pujança de incontáveis atitudes, num alvoroço de surpresa alegre e comunicativa, o mundo das almas de boa vontade. Quando a grande Promessa se cumpriu e o Verbo feito carne entrou na cena do Mundo, a Sua presença perturbou os homens: os pastores de Belém foram acordados do seu sono; os Magos percorreram as montanhas e os desertos; Maria e José foram perseguidos; os doutores da Lei sentiram vacilar a sua dialéctica; João cansou o braço de tanto baptizar; os pescadores largaram as redes; o recebedor de impostos abandonou a banca; os mercadores foram expulsos do Templo... E ainda era apenas o princípio, o princípio de uma época em que os homens como que saem dum sonho oriental e começam a agitar-se, a ganhar novo interesse pela vida, a percorrer a Terra... Parecia, já então, que todos exclamavam — uns, com os olhos a brilhar de alegria; outros, a escorrer sombras de revolta: «*Vimos o Senhor*!» (1) ... Houve tempo em que o Senhor do Mundo passava pelas estradas da Galileia e entrava nas casas de Jerusalém. Então tudo se alvoroçava, como se nascesse um sol novo no horizonte. E esse alvoroço comunicativo, esse gosto tão humano de dar aos vizinhos «a última novidade», era uma forma elementar, rude mas boa, de os homens tomarem parte na Redenção.

Tudo, porém, seria efémero e tumultuoso, se Cristo não tivesse escolhido, dentre a multidão sobressaltada, doze homens para o seguirem mais de

(1) Cfr. S. João, I, 41 e XX, 18.

perto; se não tivesse prometido (e as Suas palavras são certas como as realidades) que seriam os apóstolos os julgadores do Mundo ⁽¹⁾; se não tivesse dito ao rude pescador que se chamou Simão: «Tu és Pedro; e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja» ⁽²⁾.

É às *peessoas* que Cristo Se dirige, para as redimir uma por uma. Mas, querendo associar os homens à Sua obra, fez deles uma Sociedade nova. E é na medida em que participam dessa Sociedade, que os homens participam na acção redentora. O poder de remir é um poder sagrado. Ora «Poder Sagrado» é, exactamente, a definição etimológica de «Hierarquia». Daí a Hierarquia Eclesiástica, toda ela repassada da Magestade divina, toda ela a irradiar os esplendores celestes. E todo o homem que queira tomar parte nesta obra por excelência *cultural* ⁽³⁾ que é a difusão dos valores divinos — todo o homem que à missão redentora pense *consagrar* a vida, tem de *sagra-la*, submetendo-se à Hierarquia da Igreja.

Aqui recordo a paixão e o respeito com que Dionísio Areopagita (ou quem lhe tenha usurpado o venerando nome...) se entregou à contemplação da Hierarquia Eclesiástica ⁽⁴⁾. E, por contraste, dolorosamente considero o desdenhoso à-vontade com que muitos cristãos, nestes dias que vão cor-

⁽¹⁾ S. Mateus, XXI, 27.

⁽²⁾ S. Mateus, XVI, 23.

⁽³⁾ Cfr. Miranda Barbosa, *op. cit.*, pág. 117.

⁽⁴⁾ Cfr. *De Hierarchia Ecclesiastica*, sobretudo o Cap. I.

rendo, encaram a sublime realidade que é, no mundo decaído, expressão divina que Deus empresta para expressão humana.

De certo: a Hierarquia não existe para objecto histórico, arredado da vida; e, hoje, está feito o apelo aos cristãos de boa vontade, para tomarem sobre si, conscientemente, orgânicamente, o Poder Sagrado que *hierarquiza* a Igreja. Mas a vasta organização da Acção Católica, correspondendo às profundas necessidades da Sociedade actual, exige, para ser eficaz, uma tomada de consciência, também profunda e também *actual* (no sentido aristotélico), da dignidade altíssima da Hierarquia, de que dimana. E não se vá confundir a «Acção Católica» com Acção Social ou Acção Cultural dos católicos, mesmo quando a esta presidam os princípios estabelecidos nas Encíclicas papais. Como membros da A. C., o que nos é dado é um mandato expresso da Hierarquia para irmos até onde ela não pode estender, por força dos males modernos, a sua acção apostólica. *Mandato é direito* que se atribui e é *dever* que se impõe. Os sucessores dos Apóstolos dizem-nos as mesmas palavras que Cristo lhes dissera: «Ide e ensinai todas as gentes...» ⁽¹⁾; «Eu vos envio como a cordeiros para meio de lobos» ⁽²⁾. E que vamos ensinar, com a mansidão do cordeiro, a prudência da serpente e a simplicidade da pomba? ⁽³⁾ — «Ide e *contai* o que *vistes*: os cegos vêem (...), os pobres são evangelizados». ⁽⁴⁾ Tratava-se

⁽¹⁾ S. Mateus, cap. XXIII, 18.

⁽²⁾ S. Lucas, X, 3; cfr. S. Mateus, X, 16.

⁽³⁾ S. Mateus, X, 16.

⁽⁴⁾ S. Lucas, VII, 22.

de saber se era o Messias aquele homem que os judeus cercavam, curiosos. Ainda hoje, com sinceridade ou com hipocrisia, é isso o que os homens perguntam uns aos outros. Tudo lhes serve para duvidar. Nada lhes basta para acreditar. A estes tais chamava Bourget «ces grands docteurs», sorrindo do embaraço definitivo de Renan diante de dificuldades filológicas... (1). «És tu aquele que há-de vir?» (2). Cristo não respondeu, como de outras vezes: «Eu o sou» (3). Respondeu, designando-os testemunhas: «contai o que vistes».

O cristão é uma testemunha. E o mundo moderno precisa de testemunhas. Andam os homens cansados de princípios vagos, de ideias *mais ou menos filosóficas*, de mitos disformes. *O homem moderno precisa de testemunhas: contemos-lhe o que vimos.*

Gosto de ler em Jacques Rivière (4) esta fórmula expressiva, que aliás deve tomar-se como *fórmula* que é: os mistérios «são factos, e não ideias». Alargando o conceito, diríamos que o Cristianismo todo consiste em realidades ontológicas, pois as ideias que levanta e defende estão, com o Verbo, em Deus. São ideias imutáveis, porque pertencem ao Imutável, como os factos que o Cristianismo narra. É por serem imutáveis que são susceptíveis de Fé. Encontramos, deste modo, duas características no nosso testemunho: *prestado com Fé, acerca de realidades.* Enviado para o meio de

(1) Paul Bourget, *Sociologie et Littérature*, pág. 364.

(2) S. Lucas, loc. cit.

(3) S. Marcos, XIV, 62; cfr. S. Lucas, XXII, 70.

(4) *Op. cit.*, pág. 40.

inimigos, o ideal do cristão é ser *confessor da Fé*. Isto, com toda a personalidade e não apenas à superfície, onde as palavras tinem como «bronze que soa» (1). A sua vida deve ter um real sentido *hierárquico*: «Assim brilhe a vossa luz diante dos homens: que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos Céus» (2).

Ainda não há muito, o Santo Padre felizmente reinante recordava, das Cartas tão pouco lidas de Santo Inácio de Antioquia, aquilo a que chamou «um pensamento capaz de fascinar até os espíritos modernos»: «O Cristianismo, quando é objecto do ódio do mundo, — não é questão de palavras persuasivas, mas de grandeza» (3). E Pio XII comentava: «Verdadeiramente, na crise religiosa dos nossos dias — a mais grave, talvez, por que passou a Humanidade desde as origens do Cristianismo — a exposição científica e racional das verdades da fé, por muito eficaz que seja, na realidade, não basta por si só». E logo, rompendo caminho, prosseguia o Santo Padre: «nem sequer bastaria uma dose tão escassa de vida cristã, feita de costume convencional, como se vê com demasiada frequência. Hoje é necessária a grandeza dum Cristianismo vivido na sua plenitude, com constância perseverante». Assim o Papa nos indica o verdadeiro ideal dos nossos dias: viver em plenitude pessoal a plenitude do Cristianismo.

(1) S. Paulo, *Aos Coríntios*.

(2) S. Mateus, V, 16.

(3) *Aos Romanos*, 2-3; cit. por S. S. Pio XII num discurso inserto in «Novidades», de 6-2-1947.

E, já agora, recordando de novo o mesmo Santo Inácio de Antioquia, que aquele seu pensamento forte nos introduza no âmago da nossa missão: *vou ser triturado pelos dentes das feras... Assim me farei trigo de Jesus Cristo* (1). Este era o caso-extremo da regra que a todo o cristão se impõe: fazer oblação de si mesmo ao Creador, para assim se unir à obra redentora. Tanto vale dizer que a vida cristã tem um alto sentido *litúrgico*: é um culto. No fundo, ser cristão é viver litúrgicamente; e participar na Redenção é participar, em plenitude de alma, do Santo Sacrifício. É oferecer-se a Deus como Pão consagrado. «Toda a acção feita para Deus sobe para Ele como homenagem» diz o Padre Plus. E acrescenta: «Ela constitui uma «elevação» do nosso ser para a Sua majestade suprema, um reconhecimento nem sempre expresso, mas muito real, do Seu soberano direito, o gesto filial da criatura que oferece tudo ao seu Criador e seu Pai» (2). Assim se pode cumprir aquele ideal que se afigura ser um limite-matemático: «permanecer sempre em oração». (3) O mesmo ilustre jesuita nos recorda a palavra de S. Boaventura: «Não cessa de orar quem não cessa de bem-fazer» (4). E que este sentido litúrgico da vida cristã, longe de ser imposição arbitraria, profundamente se enraíza na natureza humana — é

(1) *Aos Romanos*, IV, 1.

(2) P.º Raoul Plus, S. J. — *Comment toujours prier*, pág. 85.

(3) Cfr. S. Lucas, XVIII, 1; XXI, 36; I *Aos Tessalonicenses*, V, 17; *Aos Efesios*, VI, 18; I *A Timóteo*, V, 5; II *A Timóteo*, I, 3; *Actos*, X, 2.

(4) P.º Plus, *op. cit.*, pág. 33, nota.

o que, entre outros, nos ensinou Alexis Carrel, com positiva certeza, no seu formosíssimo livrinho sobre *A Oração*. — Duas palavras, que são dois traços luminosos: «É vergonhoso orar» escrevia Nietzsche. Não é mais vergonhoso orar do que beber ou respirar. O homem tem necessidade de Deus como de água e de oxigénio» (1). E não apenas o homem vulgar, nivelado aos olhos do mundo: é precisamente o homem superior — nota o filósofo alemão contemporâneo Hessen — o que mais sente a necessidade da oração. Dele extraio a pérola desta oração de Miguel Angelo: «Nada há mais miserável, nada mais vil sobre a terra do que eu próprio, quando me sinto sem Ti. Como é grande o meu anseio de Infinito e como é pequena a força de que disponho para o atingir — que se vê obrigada a implorar misericórdia. Deixa-me alcançar, Senhor, a ponta daquela cadeia que liga a Ti todos os dons do Céu: a fé, que eu apeteço e que por minha própria culpa não posso possuir inteiramente.

«Sem esse dom-dos-dons, o maior e o mais raro, não pode haver paz nem satisfação no mundo!» (2) E Pierre Loti, visitando, descrente mas com profunda ansiedade, os Lugares Santos, murmurava: «On prie comme on peut, et moi je ne peux pas mieux.» (3) O próprio Cristo se retirava para o deserto ou para a montanha, e aí orava ao Pai; e

(1) Ed. port. de Tavares Martins (trad. de Eduardo Pinheiro).

(2) In J. Hessen, *Wertphilosophie*, trad. port. — *Filosofia dos Valores* — por Cabral de Moncada, pág. 298.

(3) In *Jérusalem*, cit. por P. Bourget, *op. cit.* pág. 380.

na Última Ceia rezou a longa «Oração Sacerdotal» que o Discípulo Amado nos transmite. ⁽¹⁾

Só vivendo assim, integralmente, uma vida de pleno sentido hierárquico e litúrgico, o cristão será digno do apelo da Igreja para que crie, como disse Pio XII, «uma Cristandade modelo e guia para este mundo profundamente enfermo». Com efeito, só se pode *fazer muita Cristandade* (como queria D. Sebastião) — *com Cristo*. E, se não-de ser os homens a *fazer Cristandade*, só não-de fazê-la na medida em que se fizerem, como S. Paulo, *imitadores de Cristo*. ⁽²⁾ N'Ele está o único modelo perfeito, o *tipo do cristão*. É filho de Deus. E o Símbolo dos Apóstolos ensina-nos que é Filho Unigénito. Mas logo S. Paulo vem dizer-nos que Jesus Cristo se quis fazer «o Primogénito dentre muitos irmãos.» A Teologia esclarece: em sentido próprio, natural, só Cristo é Filho de Deus. Mas todo o homem é chamado a receber de Deus uma paternidade de adopção.

Na nossa época, há tendência para desprezar o que não se apresenta logo manifesto. Porventura parecerá falho de interesse *isso* de ser filho adoptivo de Deus... Ora não se trata de uma adopção puramente à maneira legal, como se Deus declarasse (e já não era pouco...) que, para todos os efeitos, tudo se passava como se nós fôssemos Seus filhos. Não conheço mais sugestiva e intensa exposição da real transformação que o Cristianismo nos propõe, que a feita por um inglês — leigo e anglicano — num pequeno volume: *Para além da*

⁽¹⁾ S. João, XVII.

⁽²⁾ Cf. *Aos Romanos*, VI; *Aos Colossenses*, II e III.

Personalidade. ⁽¹⁾ Nada de novo ele ensina — e é esse um dos seus méritos. O outro é usar de uma linguagem clara, sugestiva e pitoresca. Nessa linguagem, pode o homem do nosso tempo, convencido de que a teologia é... chinês, verificar facilmente que o Cristianismo lhe propõe o real cumprimento daquela norma evangélica: «Sede perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito.» ⁽²⁾

Trata-se, efectivamente, de sermos *filhos de Deus*. Para isso entra nas nossas almas a Graça divina; para isso contribue toda a nossa vida, se a intenção for pura e as acções perfeitas.

Foi por se ter perdido na massa dos cristãos este sentido real da palavra da Escritura «Sois deuses» ⁽²⁾ — que o Cristianismo pareceu a alguns ser mais um cadáver sobre a face da Terra. Em 1936, Nicolau Berdiaeff formulava esta acusação dolorosa:

«Deve-se acrescentar, desgraçadamente, que o período burguês da história cristã suscitou bem menos energia e espírito de sacrifício que, hoje, o Comunismo. É um longo período desprovido de heroísmo, esse que a sociedade cristã acaba de atravessar; um período de decadência, que preparou os caminhos ao êxito do Comunismo.» E ainda: «Sob a sua forma pior e mais ímpia, o Comunismo surge como o termo fatal da evolução das sociedades chamadas «cristãs»; ele encarna o juízo se-

⁽¹⁾ Lewis; trad. port. nas Ed. GAMA, Lisboa.

⁽²⁾ Mateus, V, 48.

vero que elas não quiseram lançar sobre si mesmas mas que sobre elas pesa inevitavelmente». (1)

São hoje bem diferentes as circunstâncias. Para além de muita cobardia e de muita insensatez, os cristãos vão compreendendo a verdade profunda da palavra santa: «a vida do homem é uma milícia» (2), e vão compreendendo que foi sobretudo para eles que o escritor sagrado a escreveu. Um sopro de heroísmo percorre as almas que mais perto vivem de Deus e do próximo. Uma atitude metafísica opõe-se à atitude fenomenista que invadira o nosso campo. Como queria Platão, de novo se vai à Verdade com toda a alma. (3) E o que parecia um teorema frio, próprio para a razão especular em horas de ócio, hoje aparece com a palpitância e a fremência, o interesse e a graça dum ser-vivo.

Falar de uma *verdade que salva* é certamente, regra geral, loucura. Porque a verdade é qualquer coisa de formal: um acordo entre o que é e o que se pensa; ou é então, num sentido ontológico, qualquer dos seres ou dos factos que enchem o Universo. E como que se ia perdendo a certeza de que há efectivamente uma excepção àquela regra: há uma verdade que salva, precisamente porque se trata de uma Verdade viva, com inteligência e vontade e, para mais, com Carne e Sangue. Cristo é essa verdade.

(1) *Ibid*, págs. 14 e 15.

(2) Job, VII, 1.

(3) Cit. por Leonel Franca, S. J., *A psicologia da Fé*, ed. Pro Domo, Lisboa, 1945, pág. 65.

Ora a Religião, para o ser, deve apresentar aos homens uma Verdade salvadora. E isso é privilégio do Cristianismo. *Demonstra-me o Cristianismo* — pede o racionalista ao cristão. E a melhor resposta do cristão é certamente aquela que está implícita no extraordinário livro de Chesterton — *Ortodoxia* —: *Aqui o tens*. O Cristianismo não se demonstra. Está nisso a sua grandeza. «Ecce Homo!»; «Ide e contai o que vistes». E — a história do que *nós vimos* — é certo que nada a explica, mas ela explica tudo. Toda a luz reflectida e refractada se vai explicando encadeadamente. Mas há um momento em que atinge o Sol. Que outra luz o explica? — Ele é que explica a luz... (A imagem é de Rivière).

O centro do Cristianismo é a Pessoa divina de Jesus, na qual hipostaticamente se reúnem as duas naturezas. Como pode o racionalista pretender que o cristão lhe demonstre uma pessoa como se fosse um princípio? O que o cristão sabe é que o facto de o Cristianismo ser, essencialmente, a Pessoa de Jesus Cristo, lhe traz, ao lado de transcendentess vantagens, tremendas responsabilidades. Se o centro do Cristianismo fosse uma ideia platónica ou hegeliana; se fosse um princípio matemático ou uma lei da Natureza (como o *Fatum* dos Romanos) — nenhum inconveniente havia em o abandonar, ao menos temporariamente. É este o caso dos racionalistas modernos, que andam de deus em deus como quem se cansa de ideias-feitas ou lugares-comuns. O cristão, que procura realizar-se como sede e fonte de valores, isto é, como *pessoa*, sabe que o seu Deus é uma Pessoa que, no princípio, era já plenamente realizada. Olha para o seu Deus

como quem tem diante de si um ser que o compreende, que lhe ouve as orações, que o chama quando ele se distrai demasiado a olhar a paisagem, que lhe faz promessas de extraordinário encanto, que o ameaça com a perda dos *talentos* se não os fizer render, que ele sabe que está sempre pronto a aturar-lhe as criancices e, até, a perdoar-lhe os maiores crimes; e, sobretudo, que lhe dá um amor *total* e em troca lhe pede um amor *total*. Viu-O chorar com ele e alegrar-Se com ele. E percebeu que foi também à sua alma que foi feita a estranha promessa de casamento que o Antigo Testamento estava constantemente a renovar. (O Cristianismo é, com efeito, uma espécie de Matrimónio; ou o Matrimónio uma espécie de Cristianismo...) Assim unida à Pessoa Divina, a pessoa humana (ou melhor: o homem) sente-se como o aventureiro no País da Autoridade, de que nos falou Chesterton: «O homem não pode esperar quaisquer aventuras na terra da anarquia, mas pode esperar toda a sorte de aventuras quando viaja no país da autoridade». ⁽¹⁾ O cristão encontra-se, efectivamente, sujeito a uma autoridade; e a uma autoridade divina. E o mais importante é que essa autoridade não se limita a ser divina: faz leis também divinas. E o homem, que, procurando ser *humano*, constantemente se sente fraco demais para si próprio (todos poderíamos dizer: «não sou homem para mim...»), o homem, solicitado, seduzido pela terra e a carne, ao procurar as leis que a autoridade terá feito para o ajudar a ser homem, *soletra* sem compreender:

(1) *Ortodoxia*, pág. 247.

«Sois deuses»; «Sede perfeitos como o Pai Celeste». E um clarão de Eternidade cega-lhe os olhos que queriam ver. (Foi assim que aconteceu a Paulo, com a agravante de que ele não ia pedir a lei para ser melhor, mas perseguir os que procuravam sê-lo). Estranho significado, o do Cristianismo!

O Homem, num primeiro movimento, cai desiludido. Mas a essência do Cristianismo não é uma Ideia, é uma Pessoa. E, da pessoa, tudo se pode esperar quanto esteja dentro duma harmonia fecunda. A Pessoa que está no centro do Cristianismo, depois de ter dado a lei, olhou penetrantemente para os olhos do homem, e disse-lhe: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida»; «Ninguém pode ir ao Pai senão por Mim»; «Eu sou o Pão da Vida» ⁽¹⁾.

Acreditar ou não acreditar nestas palavras, e agir em conformidade — é o problema cuja gravidade infinita faz o sentido trágico da vida. Para o que acreditar, a solução está dada, embora toda a vida neste mundo haja de ser, em grande parte, um perpétuo reafirmar e um perpétuo recomeçar. Que, para o descrente, a solução lógica não é o afastamento e a indiferença, foi o que Pascal, depois de outros, demonstrou no célebre argumento da Apostasia ⁽²⁾. Bem sabemos que são poucos os que seguem a conclusão pragmática do filósofo.

Mas a Pessoa de Cristo é que nem por isso deixa de *iluminar* «todo o homem que vem a este

(1) S. João, XIV, 6; VI, 35 e 48.

(2) *De Deus e do homem*, págs. 167-175.

mundo». Ilumina o descrente como luz a incidir sobre os olhos de alguém adormecido: graça de Deus sempre à espera do homem transviado. Mas ilumina-o também, segundo, ao menos, a interpretação de Santo Agostinho, na medida em que, como Verbo que tudo criou, o faz participar na Inteligência de tudo o que foi criado. Mesmo não aceitando esta teoria, vemos a Luz verdadeira, que todas as outras exclui como falsas, dar aos cristãos uma Teoria do Homem, ou seja um Humanismo, que em muito ultrapassa as outras concepções. Por isso se pode afirmar que o homem não se basta sem o Verbo iluminador. Porque: não se basta sem Religião; as únicas Religiões que lhe podem explicar a aspiração ao Absoluto, o arrependimento, todo o vínculo moral — são as transcendentes; as únicas adequadas às suas qualidades sensíveis e ao próprio sentido interior do seu destino natural — são as imanentes; e, entre todas as Religiões, só o Cristianismo consegue, pela união hipostática das duas naturezas na Pessoa do Verbo, conciliar, harmonizar e afinal aperfeiçoar os dois princípios de transcendência e de imanência que o perfeito Humanismo deve conter.

«Achamo-nos colocados — escreve Von Hildebrand — num mundo que, a cada passo, nos aponta mais para além dele. A solene majestade de um glorioso pôr do sol, tanto como a beleza moral dum acto de perdão ou dum amor puro e sem limites, falam-nos claramente dum mundo diferente e superior, de que eles são o *reflexo*. Eles reflectem, de facto, uma luz que, em si mesma, está mais para além dos nossos olhos — luz que não é deste mun-

do, mas pela qual ele é iluminado» (1). Aqui, o *transcendente*.

«Há horas de contemplação silenciosa — diz-nos Hessen — em que nos sentimos mais perto da essência da realidade e em que o mistério do seu profundo sentido se nos revela mais claro do que no meio do tumultuar das horas vulgares da existência. E então escutaremos aí uma voz que nos diz: «sê e faze-te a ti mesmo o que tu és»; procura ser homem e realizar todas as aspirações generosas do bem e da virtude que se albergam no teu peito» (2) — Eis o *imanente*.

Mas é Schopenhauer que nos diz: «a bondade da alma é uma qualidade *transcendente*, e pertence a uma ordem de coisas mais para além desta vida, que é incomensurável com todas as outras perfeições que nela encontramos.» (3) E, nestas palavras do filósofo do pessimismo, podemos reconhecer um esboço de síntese, que nos faz ver como o imanente e o transcendente devem entrelaçar-se no Humanismo.

Tanto assim é, que as correntes filosóficas, nascidas da concepção dos *valores*, quando não culminam na visão teológica própria do Cristianismo, tomam na mão a lanterna de Diógenes e percorrem os espaços à procura dum Absoluto. O imanente em busca do transcendente...

Tanto assim é, que as correntes racionalistas que floresceram no chamado Deísmo, à míngua de doutrina viva, humana, que almas entendessem,

(1) Cit. por Hessen, *op. cit.* págs. 286-7.

(2) *Op. cit.* pág. 240.

(3) *Ibid.* pág. 287.

que tivesse alguma coisa que ver com os homens — vieram a entronizar uma mulher no Altar de Deus. O transcendente em busca do imanente...

Neste capítulo, creio bem que o vício do nosso tempo é o Imanentismo. «O Reino de Deus está dentro de vós» — disse o Senhor. E Santo Agostinho, contando o drama da sua vida, representa-se a percorrer todas as estradas, a bater a todas as portas, interrogar todos os sinais, e tendo dentro de si aquele Deus a quem buscava. Atrás da palavra do Senhor e do exemplo do seu Bispo, formou-se afinal o cortejo dos medióceres, dos que estão sempre à espera de uma ocasião para se instalarem comodamente no meio fôfo dos seus próprios erros, com o ar de quem — graças a Deus!... — encontrou maneira de os justificar a todos. E o imanentismo, próprio das épocas de decadência, é o fundo da heresia modernista, que Roma condenou. ⁽¹⁾ «De todas as religiões horríveis — exclamava Chesterton —, a mais horrível é a adoração do deus interior. Bem sabemos quais são os resultados dessa adoração. O facto de João dever adorar a Deus que tem dentro de si passou ultimamente a significar que João deve adorar João». ⁽²⁾

Deus está, sem dúvida, dentro de nós: primeiro, porque está em toda a parte como Criador, que mantém os seres na existência; segundo, porque nos fez «à sua imagem e semelhança». Mas, como Deus não se substitui à personalidade humana, a «voz da consciência» não é, directamente, a voz de Deus, mas sim a voz de Deus interpretada por nós.

⁽¹⁾ S. S. Pio X, Encíclica *Pascendi*.

⁽²⁾ *Op. cit.*, pg. 112.

Há muito a reformar, neste sentido, inclusivamente em concepções literárias.

Por detrás do erro imanentista, o Cristianismo continua a sustentar o princípio do imanente. Mas associa-o com o transcendente.

Daí deriva a sua extraordinária fecundidade pelo que diz respeito ao Humanismo. Porque nenhum humanismo, como é evidente, pode dispensar-se de encarar o destino do Homem, e também nenhum pode furtar-se a afirmar que o destino primário do Homem é realizar-se plenamente como tal. (Até aqui, o *imanente*). Mas intervêm agora duas ordens de factos: por um lado, a Sociedade embarça o livre desenvolvimento do indivíduo, e este não poderá resultar *pessoa humana*, antes que um critério valorativo independente pronuncie esta sentença que nada tem de espontâneo e fácil: «a Sociedade é menor em dignidade que cada um dos seus membros como sujeito de direitos e deveres eternos». Podia-se dizer que este juízo é que estava a inverter a realidade; mas então, se o *homem* a realizar plenamente fosse a *Sociedade*, que sentido teriam as aspirações de cada homem a libertar-se em parte do vínculo social? e como se compreenderia que só as consciências individuais exprimissem a «consciência colectiva»?

Isto por um lado. Por outro lado, as tendências do Homem não são apenas para se realizar: são para se ultrapassar. «O Homem ultrapassa em muito o homem» dizia Pascal. E ele sabia disso profundamente... Aliás, todos o temos experimentado, com mais ou menos intensidade. Com que direito o homem dirá ao Homem: «daqui não passas»? Em nome de que princípio? Como pode dis-

cernir-se o que transcende a natureza, daquilo que lhe é próprio, se se começa por negar o transcendente? Se nada há de transcendente, qual o sentido (não digo já ontológico mas meramente psicológico) das tendências a que se proíbe a realização? E por que se proíbem, se não porque se consideram transcendentales ao homem?

Mas terá o homem, em boa verdade, esses anseios de ordem metafísica, para além do império dos fenómenos ou das coisas relativas? — A prova mais palpável de que tem é que fala de coisas relativas... Trata-se dum pensamento bi-polar. Não se quer provar aqui que o absoluto *existe*, mas sim que o Homem pensa nele, o que quer dizer que o tem por objecto da sua intelligência. E, já que o Absoluto não lhe entra pelos sentidos, esse objecto é também um ideal que a intelligência procura. Logo: o Homem tende ao Absoluto; tem tendências de ordem metafísica.

E é este o lado transcendente do Humanismo: porque o Homem só se realiza plenamente quando se ultrapassa.

Ora o Cristianismo, lançando-nos uma *ponte* pessoal entre o Absoluto e o relativo, vem impedir o Humanismo de se precipitar num Trans-Personalismo de tipo idolátrico, ou seja: em qualquer das inúmeras formas do Paganismo. Dizia Chesterton que mais valia ao homem adorar o Sol ou um crocodilo, que adorar-se a si mesmo. Mas logo acrescentava: «A única objecção à religião natural é que, de qualquer forma, ela se torna sempre anti-natural. Um homem ama a Natureza de manhã devido à sua pureza e benignidade, e, ao cair da noite, devido à sua escuridão e crueldade. Ao

despertar da manhã, lava-se nas águas claras como o Homem-Sábio dos estoicos, embora, ao escurecer, se vá banhar no sangue quente dum touro, como fazia Juliano Apóstata».

No fundo, toda a questão está no seguinte: importa que o Trans-Personalismo não seja um Anti-Personalismo. Ora o Trans-Personalismo será anti-personalista, desde que aponte para um Deus que não tenha, em grau infinito, as perfeições que a pessoa humana há-de conquistar. Quer dizer: o homem só pode adorar dignamente um Deus pessoal. — Para que a Religião seja verdadeiramente um diálogo vivo, e não a recitação das fórmulas de *latria* diante dum teorema ou em honra dum Ceu estrelado. O teorema agrada à intelligência, abre-lhe talvez horizontes largos, encanta-a porque vai ao encontro da sua tendência para o abstracto e o genérico; o Céu estrelado agrada à vista e faz a imaginação compor mundos de maravilha. Mas nem o teorema nem o Firmamento podem amar o Homem que os adore. E, se adorar é amar em extremo, é eminentemente digno do Homem dar um extremo amor a um Deus que o ame. (Creio ser este o problema fulcral para o homem contemporâneo: saber a quem deve dar o seu amor. Porque o coração do homem moderno enlouqueceu, como Chesterton dizia que tinha acontecido às verdades cristãs espalhadas pelo mundo...)

Mas não se limita a isto a fecundidade da Síntese cristã pelo que diz respeito ao Humanismo. Pode-se dizer que qualquer outro Humanismo, que não seja cristão, ou mutila o Homem, ou nega o que está para além dele. Efectivamente, tendo es-

colhido um Ideal para lhe dar aquilo a que Max Scheller chamava «uma estima axiológica especial» (1), os humanistas têm uma preocupação única, própria, aliás, de adorador: sacrificar-lhe tudo quanto seja sacrificável. E acontece, ao cabo de pouco tempo, que o *deus* assenta soberanamente sobre ruínas. Seja o Humanismo económico, ou Comunismo. Dum golpe, aceitou como dogma o Materialismo dialéctico, *hipótese* vestida à pressa de *lei*... O homem, embora dotado de vontade livre, — submetido totalmente à lei dialéctica da Matéria. A pessoa humana negada, em teoria, e, na prática, aniquilada pelo mecanismo brutal da luta de classes.

Seja o Humanismo a que podemos chamar *antropológico*: o que importa é que cada homem descubra, dentro de si e nos outros, todos os *valores humanos*. Para além de todas as diferenças de condições, de opinião, de Pátria e de Credo, muitos criaram o mito de que existe um plano superior a todos esses, e que é bom abdicar cada um do que pensa, sacudir o pó das sandálias, para entrar no grande Templo da Humanidade.

É possível, natural e justo que os homens se sintam solidários por-de-cima das condições sociais, opiniões políticas e mesmo nacionalidades. Mas já não é natural nem justo considerar mais forte que a Fé e a Caridade o simples laço de filantropia. O *Humanismo Cristão* reconhece esse laço natural e, como a tudo em que toca, eleva-o a um sentido superior de *fraternidade*. Só o que não

(1) Cit. por Hessen, *op. cit.* pág. 285.

se pode, dentro do Humanismo cristão, é inverter a ordem das coisas, atribuindo à filantropia o papel de princípio hierárquico integrador. Semelhante reconhecimento é impossível no *Humanismo antropológico*, uma vez que, nele, o principal lugar pertence à solidariedade natural entre os homens, e é impossível conceber o transcendente que o Cristianismo encerra, incluído num Humanismo imanentista.

Na realidade, só o Humanismo cristão é verdadeiramente hierárquico, ou seja: só ele integra numa harmonia todos os elementos dos vários planos do Homem. Colocando a suprema sede de valores no Deus criador e autónomo, seria estultícia negar ou reduzir a ruína uma parte da Criação. Toda a obra de Deus tem o selo de Deus e, por si mesma, não tem proporção com o Absoluto. Nas outras concepções, como que se temem os ciúmes do Valor supremo... Aqui, não há sombra de motivo para este receio caricato.

Que o homem actual, que tanto fala dos seus problemas e tanto apregoa o seu Humanismo, se convença de que só há um Humanismo perfeito: aquele que, recebendo de toda a parte a *matéria*, do Cristianismo recebe a *forma*.

E o Humanismo cristão, contendo todos os problemas, que soluções lhes dá? Neste ponto, é necessário que o homem moderno, que odeia as distinções escolásticas, consinta em distinguir... O Humanismo cristão, como bom Humanismo que é, encerra os três problemas fundamentais do homem; o problema religioso (no qual o Homem se relaciona com Deus), o problema político (que en-

laça os homens entre si) e o problema económico (o Homem e a Terra). Ora o Humanismo cristão, por mais que o adjectivo pareça reduzi-lo ao puro âmbito do problema religioso, fez-se para resolver os três problemas. E as soluções serão necessariamente harmonizáveis umas com as outras. O que vale dizer que a solução cristã do problema religioso há-de ser o padrão em frente do qual, como dum juiz incorrupto, hão-de passar as soluções dadas aos outros problemas. Não que os princípios religiosos vão definir atitudes ou posições económicas. Os planos são distintos. Mas a pedra-de-toque do Humanismo é a harmonia hierárquica. Quer dizer: nenhum valor-político pode contrariar, dentro do Humanismo cristão, um valor-religioso. E o mesmo se diga do económico em face do religioso e do político.

Está há muito definida a solução do problema religioso, e isso por dois motivos: em primeiro lugar, porque o religioso, quando transcendente, é por si mesmo imutável; em segundo lugar, porque foi fundada uma Sociedade perfeita, com uma Hierarquia perfeita, para renovar, na História, a perfeita solução daquele.

Ao contrário, o problema político (note-se que este termo é aqui tomado numa acepção muito lata) e o problema económico não têm uma solução da qual se possa dizer: «é isto o que quer o Humanismo cristão». Isto, pelas razões inversas das anteriores: falta-lhes a imutabilidade e falta-lhes a Hierarquia. Aquele que fundou uma Hierarquia Eclesiástica não fundou uma Hierarquia política nem uma Hierarquia económica. Pertence aos homens a solução destes problemas naturais. — Mas

tendo diante dos olhos as palavras de S. Paulo: «Todo o Poder vem de Deus»; (1) e respeitando sempre a regra essencial, a lei orgânica do Humanismo cristão: *que nenhum valor político, que nenhum valor económico — vá ferir um valor religioso.*

Creio que é isto o que se contém nestas passagens da «*Quadragesimo Anno*»: «Por sua parte a lei moral manda-nos perseguir *tanto* o fim supremo e último em todo o exercício da nossa actividade, *como*, nos diferentes domínios por onde ela se reparte, os fins particulares impostos pela natureza, ou, melhor, por Deus, autor da mesma, subordinando sempre estes fins àquele, como pede a boa ordem. Se seguirmos fielmente esta regra, sucederá que os fins particulares da economia, individuais ou sociais, se inserirão facilmente na ordem geral dos fins, e nós subindo por eles, como por uma escada, chegaremos ao fim último de todos os seres, que é Deus» (2).

Só assim, efectivamente, será possível que o mundo se povoe de Santos segundo aquele modelo que reclamava Rademacher: «tipo de homem que saiba reunir e harmonizar em si todos os diferentes lados nobres do ser humano, mas conservando-lhes a sua respectiva altura em dignidade e sabendo conciliar tudo isso com uma crença religiosa viva, um forte amor de Deus e um espontâneo e

(1) *Ad Romanos*, XIII, 1.

(2) Pio XI, Q. A., ed. cit., pág. 153.

feliz espírito de integração dentro da vida da Igreja» (1).

Não é isolada essa voz. Antero de Quental, numa das suas admiráveis cartas, afirmava, corrigindo Renan, que não era o sábio *mas o santo quem* caminhava «à frente da procissão da Humanidade» (2).

Não sejamos injustos para com o nosso tempo, que de algum modo tem renovado, em milhares de mártires, a tradição primitiva. Mas os homens continuam a exigir Santos, como quem quer exemplos e expiadores para que o mundo se purifique.

...«Veio para o Mundo e o Mundo, embora houvesse sido criado por Ele, não O conheceu».

É de algum modo misterioso o sentido desta palavra no Novo Testamento. Este Mundo que foi criado por Deus será o mesmo do qual disse Jesus que não era por ele que rogava ao Pai? (3) De que nos fala S. João? Do mundo material, berço do homem? Do mundo pelo qual nem vale a pena pedir? Do mundo formado pelos homens em sociedade? — Não se vai entrar aqui no problema, embora a última pareça a melhor hipótese. O que importa é ter em vista a existência de um mundo sem remissão, a viver connosco.

A liturgia do Baptismo fala-nos de Satanaz e das *suas pompas*. Pompas, não as tem ele no abismo. Mas há qualquer coisa... há muitas coisas junto de nós que são como que o manto luminoso

(1) Cit. por Hessen, *op. cit.*, pág. 262.

(2) Carta a Jaime de Magalhães Lima.

(3) S. João, XVII, 9.

que Lúcifer perdeu ao precipitar-se no Inferno. Quantas vezes sentimos a presença invisível de uma espécie de luz *tenebrosa*, luz geradora de trevas pela sua oposição à Luz! É o esplendor fugitivo das potências angélicas saídas da Hierarquia Celeste; esse esplendor de que Cristo disse não esperássemos ver revestido o Reino de Deus que vem ao encontro de nós. (1)

Mas, em contra-partida, S. João acaba o seu Prólogo, falando-nos de uma espécie de apoteose do Filho de Deus: «Nós vimos a Sua Glória, glória própria do Filho Unigénito do Pai, cheio de Graça e de Verdade».

Este é o esplendor sagrado que reveste todo o *Poder Sagrado*, mostrando às almas a luz que elas não podem, ainda, encarar de frente.

Participando do Poder Sagrado, participemos no esplendor litúrgico da Igreja, para que assim possamos entrar em contacto quase sensível com a grande Realidade que o Cristianismo oferece no seu centro; para que vivamos o diálogo entre Pessoas que é a nossa Religião; para que aprendamos todas as verdades e vejamos todas as obras do Senhor; para que possamos «dar testemunho da Luz».

O Homem moderno precisa do nosso testemunho.

(1) S. Lucas, XVII, 20.